

## O Carisma de preferir a Cristo

### Encontrar Cristo na Filadélfia

A casa dependente de Casamari em New Jersey fica muito próxima a Filadélfia. Faz um certo tempo que esta cidade acendia em mim o desejo de ver, finalmente, a «Cabeça de Cristo» de Rembrandt que se encontra justamente no «*Museum of Art*». Os monjes e seus amigos prazerosamente organizaram uma visita ao museu. Quanto mais próximos estávamos do museu, mais aumentava o desejo de ver este retrato de Cristo, que faz parte de uma série com o mesmo objeto e modelo, um jovem que Rembrandt deve ter encontrado em algum quarteirão hebraico de Amsterdam. O retrato de Filadélfia, porém, me tocava mais, mesmo sem saber o porquê. Chegando, fomos diretamente às salas dedicadas aos pintores da época de Rembrandt, mas não conseguíamos encontrar o «meu» quadro. As notícias recebidas eram desencorajantes: «está exposto em outro lugar... está em restauração... está no depósito». Enfim começava a conformar-me em não vê-lo e a consolar-me admirando as numerosas obras-primas, riqueza do museu. O meu coração, entretanto, parecia um pouco com aquele de Maria Madalena na manhã de Páscoa e minha vontade era de perguntar a eles: «Se está no depósito, me diz onde posso encontrar, eu mesmo vou procurá-lo!». Amo muito este quadro, então imaginei que deveria ser exposto em um lugar especial, no centro da sala, sozinho, protegido por um vidro, e que deveria ter um fila para vê-lo, porque, com certeza, muitas pessoas do mundo inteiro deveriam vir para admirá-lo, como a Mona Lisa de Leonardo da Vinci no Louvre ou a Pietà de Michelangelo. Depois, visitando uma sala, onde não tinha ninguém, passando sem muito entusiasmo, da natureza morta a uma cena de caça, passei diante do quadro que tanto procurava, não o vi imediatamente, e foi o meu acompanhante que me disse: «É o Cristo de Rembrandt!!».



Estava em um canto como um quadro qualquer. Tive sobressalto de alegria, como se tivesse reencontrado um amigo perdido há anos e que achava estar morto. Raramente um quadro ou ícone me fazem encontrar Cristo como essa obra de Rembrandt. Passei da admiração imediatamente para a oração, contemplação, diálogo com Jesus. Perguntava-me porque, porque aquele retrato podia falar-me tão intensamente do mistério de Cristo.

Fixando-o por um tempo em silêncio, via lentamente que a atração daquela face não vinha da superfície ou aspecto, mas de uma interioridade invisível que Rembrandt conseguiu exprimir. É a face de um Cristo retirado e concentrado em seu coração, no seu coração em relação com o Pai, mas ao mesmo tempo, esta face exprime a atenção a mais alguém, alguém presente idealmente à sua direita, para o qual Jesus gira discretamente o olhar e também o ouvido direito, livre dos cabelos, e de modo especial, iluminado por um fecho de luz que ilumina sua face do alto.

Rembrandt soube representar assim a união e simultaneidade em Jesus na atenção interior ao Pai e atenção interior ao homem, para com todos nós. Uma atenção interior e radiante que coincide com a humildade de Cristo, com o amor humilde de Cristo para com o Pai e para com os homens. Esta é a beleza de Cristo que toca e atrai, fazendo com que o encontro com Ele nos revele, ao mesmo tempo, o Pai e nós mesmos.

É esta a face que viram em suas vidas e corações todos os discípulos que o viram Ressuscitado? É esta a face que viu Santa Maria Madalena quando o Ressuscitado a chamou pelo nome? É esta a face que viram na estrada, sem reconhecê-lo, os discípulos de Emaus e que somente O reconheceram no instante eterno da fração do pão? Foi com esta face que Jesus perguntou a Pedro: «Me amas?» ?

### **A preferência que nos regenera**

Este «encontro» inesperado e pouco consuetado com o mistério de Cristo no Museu de Filadélfia ocorreu no final de uma longa viagem de dois meses dedicados a visita a vários mosteiros da nossa Ordem no Brasil, Chile, Bolívia e Estados Unidos. Havia acumulado, mais uma vez, como por exemplo, no ano passado no Vietnã e em janeiro na Etiópia, experiências muito belas e ricos encontros fraternos; tinha uma consciência mais precisa dos problemas e dificuldades das comunidades e, naturalmente, também uma certa dose de cansaço. O quadro de Rembrandt me lembrava de que o sentido e finalidade, consolação e unidade, de todas estas experiências não estavam em minhas mãos, força, juízo, nem nas mãos, força e juízo dos outros, mas no mistério de uma Face que veio nos olhar pessoalmente com a profundidade de um Coração onde o amor vem do Pai e reconduz tudo a Ele. Isto me libertava, também em meio às preocupações, contradições e experiências, de meus próprios limites e os dos outros.

Isto que me regenerava nesta experiência era um renovar-se em meu coração na preferência por Cristo, preferência que é normalmente a experiência originária da nossa vocação, de todas as vocações. Uma preferência por Cristo que é recíproca, quando o nosso coração consente amar sobre todas as coisas Aquele que nos amou por primeiro, que nos preferiu, gratuitamente, por primeiro.

Aceita-se a própria vocação quando se dá preferência por Aquele que nos prefere. Aceita-se deixar tudo por Aquele que, por nós, deixou «sua condição divina» para fazer-se homem, morrer e ressuscitar por nós (cfr. Fil 2,6-11). Vende-se tudo para comprar a pérola que nos vem oferecida com seu valor inestimável (cfr. Mt 13,45-46).

Esta preferência recíproca, que entre as pessoas é a troca de amor, permanece no centro de cada vocação, mas, muitas vezes, a estrada da nossa vocação leva a um desgaste desta preferência. A vida, depois do encontro decisivo, continua seu curso, com suas exigências, cargas e sobrecargas, seus altos e baixos, provas, experiências e desilusões. A preferência, que era muito clara no início, se torna menos evidente, determinante e apaixonada. Todavia fazemos experiência daquilo que nos torna mais frágeis, menos capazes de enfrentar a vida com confiança, alegria e força necessárias. Muitas vezes, mesmo fazendo esta experiência, não compreendemos que, aquilo que devemos reencontrar, não é, antes de tudo, a força e alegria, mas a preferência por Cristo, aquela preferência recíproca que nos tinha fortemente animado um dia para seguir a nossa vocação.

### **O dom essencial do Espírito**

A leitura dos Atos dos Apóstolos durante o tempo pascal fez-me consciente de um efeito de Pentecostes, no qual, não havia pensado antes. Quando os apóstolos e outros discípulos saíram do Cenáculo, imediatamente, manifestaram-se dons extraordinários: dom de línguas, cura, o dom de uma pregação que arrastava e convertia as multidões. Tudo isto deve ter impressionado a todos, em primeiro lugar, aos próprios discípulos, mas o fato que estes dons não predominaram, em seguida, na vida da Igreja, nos faz compreender que não reside nestes dons o efeito mais importante de Pentecostes. Um outro dom, mais profundo e constante, foi comunicado pelo Espírito aos discípulos do Senhor, e este dom caracterizou a verdadeira vitalidade da Igreja de todos os tempos: o dom da preferência por Cristo, o carisma de nada preferir a Cristo.

É a preferência por Cristo o verdadeiro e mais importante dom do Espírito, o dom que mais necessitamos, dom este que nos permite acolher, com verdade e fecundidade, todos os outros dons. Todos os outros dons do Espírito, de fato, se não são acolhidos por preferir a Cristo, serão desviados de sua natureza e finalidade e, ao invés de servir para edificação do Reino, o destruirão. Porque o Reino de Deus é a preferência por Cristo.

E vemos os apóstolos, que tinham medo, tinham renegado Jesus, preferindo a si mesmos que a Ele, tornarem-se, graças a Pentecostes, homens felizes de sofrer pelo Nome de Jesus (At 5,41-42); homens que não temiam nada e nem ninguém, nem a prisão e o açoite, que obedeciam a Deus e não aos homens, que não aceitavam nenhum proveito nem vantagem pela prática do ministério, pois para eles, a preferência por Jesus, era tudo. O amor de Cristo vale, para eles, mais que a vida.

Pensemos em Simão Pedro. Qual era o desejo maior que habitava em seu coração, quando atendia Pentecostes, com a Virgem Maria, apóstolos e outros discípulos? O que pedia ao Espírito Santo enquanto O atendia no Cenáculo de Jerusalem? Qual graça desejava?

Institivamente pensamos que esperava a força para não ser fraco, coragem para não ser vítima do medo, sabedoria e eloquência para anunciar Cristo a multidão... mas esquecemos que Pedro tinha acabado de ouvir Jesus perguntando por três vezes: «Me amas?» e como se não bastasse, «me amas mais do que estes?» (Jo 21,15-17). Jesus o tinha deixado exprimindo-lhe sua necessidade de amor, de preferência. Pedro tinha respondido sim, por três vezes, a esta pergunta pobre e humilde feita pelo Filho de Deus. Pedro sabia que não podia mais contar consigo mesmo, sabia que não podia mais garantir que não o renegaria.

Tenho certeza que entrou na espera pelo Espírito prometido por Jesus com o único desejo de poder responder, com todo seu coração e vida, à sede de Jesus de ser preferido no amor. Pedro mendigou ao Espírito o dom da preferência por Jesus, e foi o próprio Jesus a sugerir esta intenção essencial de oração, aquela que corresponde melhor aquilo que o Espírito quer nos doar, doando-se a nós.

Por isso, se não pedimos e não acolhemos este dom essencial do Paráclito, é como se recusássemos todos os outros dons e graças que o Espírito quer nos comunicar, de fato, nenhum carisma, vocação, missão, ministério, nem sacramento, encontra seu sentido e fecundidade se falta em nós a abertura à graça essencial de amar Jesus mais que tudo.

É uma graça, dom do Espírito, e isto quer dizer que podemos sempre voltar a preferir Cristo, mesmo se O renegamos muitas vezes, seja pessoal como comunitariamente, podemos sempre acolhê-la novamente, pedir constantemente ao Espírito, com a certeza de recebê-la.

O problema é que, muitas vezes, não pedimos nem esperamos esta graça essencial do Espírito Santo, lhe pedimos tantas coisas que nos falta, que falta à nossa comunidade, mas esquecemos de pedir aquilo que não falta somente em nós, mas também em Jesus: o nosso amor preferencial a Ele. Esta é a graça que o Espírito, que é Fogo, arde no desejo de nos dar.

Em cada circunstância e diante de todos os problemas, se não recomeçarmos do ponto de mendigar ao Espírito Santo para conceder-nos a não preferir nada a Cristo (RB 4,21; 72,11), nada haver mais caro que Cristo (RB 5,2), nenhuma novidade ou renascimento será possível. Continuaremos a andar pra lá e pra cá, enfrentando e resolvendo sempre os mesmos problemas, sem que nunca chegue uma novidade, a novidade do Alto.

É suficiente, porém, uma só pessoa, um só coração, que humildemente mendigue a graça essencial de preferir Jesus a tudo, para que o renovamento chegue irresistível, como quando Pedro saiu do Cenáculo, atendido em seu desejo de responder à sede de amor de Jesus, sua própria sombra começou a fazer milagres (At 5,15-16) porque seu coração acolhia o sol ardente da preferência por Cristo, tanto que irá propor a mesma experiência a todos seus fiéis, chamados a enfrentar a hostilidade e perseguição: «Antes santificai em vossos corações Cristo, o Senhor. Estai sempre prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança.» (1 Pd 3,15)

### **Comunhão na predileção**

Quando S. Paulo foi, sem hesitar, a Jerusalém, todos procuravam convencê-lo a mudar de ideia e colocá-lo contra este projeto, porque sabiam que em Jerusalém Paulo seria perseguido. O Espírito Santo fazia-o sentir aquilo que estava para acontecer (cfr. At 21,4.10-11). Paulo, entretanto, não se deixou desviar pelo medo racional de seus companheiros: «A estas palavras, nós e os fiéis que eram daquele lugar, rogamos-lhe que não subisse a Jerusalém. Paulo, porém, respondeu: ‘Por que chorais e magoais o coração? Pois eu estou pronto não só a ser preso, mas também a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus’. Como não pudéssemos persuadi-lo, desistimos, dizendo: ‘Faça-se a vontade do Senhor!’» (At 21,12-14).

Este episódio nos ilumina sobre o modo, no qual, devemos sempre pedir e acolher as luzes do Espírito. São Paulo compreendeu que, se o Espírito Santo lhe fazia conhecer seu destino, não era pra fugir dele, mas pra abraçá-lo aceitando por amor a Cristo. O que guiava o caminho de Paulo não era a imprudência ou vanglória, mas o desejo de não preferir nada a Cristo, nem mesmo suas liberdade e vida. O Espírito Santo não nos ilumina para servir a nossa comodidade e facilidade, mas para ajudar-nos a fazer livre e conscientemente as escolhas que nos permitirão de preferir sempre mais Cristo, ao invés de nós, pois é isto, como diz S. Bento no final da Regra, que nos abre à graça da vida plena: «Nada absolutamente anteponham a Cristo – que nos conduza juntos para a vida eterna» (RB 72,11-12).

Os companheiros de Paulo acolheram seu testemunho e, ao invés de oporem-se ao seu caminho, o acompanharam atraídos, com certeza, pelo fascínio da sua predileção por Jesus. Assim como Maria na Anunciação, são levados, pela predileção de Paulo, a aceitar, também eles, a vontade de Deus: «Faça-se a vontade do Senhor!».

Bela é a companhia fraterna, onde a preferência de um só leva todos os outros a amar o Senhor mais que a si mesmo! Esta preferência não deveria ser o dinamismo constante que unifica e reconcilia as nossas comunidades, em todas as escolhas que devemos fazer pra ir adiante no caminho?

## Amar sem volta

Pedro, Paulo, acolhendo do Espírito o dom da preferência por Cristo, acolhem também a liberdade de poder amá-Lo sem voltar atrás, como Ele nos amou, na gratuidade da liberdade divina.

Mas o que significa amar sem volta?

Em João 10, Jesus descreve sua liberdade pascal: «Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai» (Jo 10,17-18).

Jesus vive sua liberdade no espaço infinito da obediência ao Pai. A ordem do Pai não diminui a liberdade do Filho, porque o Pai quer e ordena ao Filho a liberdade de dar e retomar sua vida. O poder de retomar quer dizer que o poder de dar é realmente livre, totalmente livre. Cristo dá aquilo que pode retomar, mas, na verdade, Jesus não retoma sua vida: prefere recebê-la do Pai, do Pai que Lhe deixa a liberdade de retomá-la. O Filho poderia ter retomado sua vida em cada instante de sua Paixão, desde o Getsêmani até o último respiro. Jesus recolocou esta liberdade nas mãos do Pai em um ato de obediência confiante, que deixava ao Pai toda liberdade de dar ao Filho sua vida, quando e como queria.

Esta é a obediência que a Profissão monástica quis reproduzir, e nós, muitas vezes, esquecemos este profundo respiro trinitário da nossa vocação monástica, dos nossos votos. São Bento era muito consciente disto, e pode-se encontrar explicitamente em sua Regra o convite a viver todas nossas atividades monásticas seguindo a liberdade de Cristo, que dá sua vida renunciando o poder de retomá-la para recebê-la das mãos do Pai, o cêntuplo do dom e da alegria pascais. A partir da Profissão, feita com total liberdade, depois de uma madura reflexão, o monge não poderá mais deixar o mosteiro e as exigências da Regra (RB 58,15-16); não deve esperar glória ou riqueza diante de seu talento e trabalho (RB 57), de seu status social (RB 2,26-22) ou também de seu status sacerdotal (RB 62,2-4). São Bento resume bem este comportamento quando fala da pobreza: «Todas as coisas necessárias devem esperar do pai do mosteiro, e não seja lícito a ninguém possuir o que o Abade não tiver dado ou permitido» (RB 33,5).

Quantas vezes mudamos a natureza da nossa vocação monástica reivindicando e criando um retorno por amor e escolha de nós mesmos. Não esperamos e atendemos o dom que vem do Pai.

Esta esperança e espera são o vértice do anúncio da Ressurreição, e portanto, o cumprimento de nossa verdadeira Vida em Cristo. Quando Jesus diz a Maria

Madalena: «Não me detenhas!», exprime imediatamente a razão profunda do desapego, que pede: «Porque ainda não voltei para o Pai. Mas vai dizer aos meus irmãos: Subo a meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.» (Jo 20,17).

Jesus não quer que nosso amor por Ele se curve sobre nós mesmos, que tenha um retorno para nós, na medida e largura de nossos braços, da nossa capacidade de segurar com nossas mãos, da nossa afetividade e nossas ambições, de fato, é para muito mais que fomos criados e redimidos: somos feitos para receber um amor que vem do Coração do Pai, do Amor entre o Pai e o Filho: o Espírito Santo. Um retorno de amor trinitário que é muito grande para acolhermos sozinhos: «Vai dizer aos meus irmãos... vosso Pai... vosso Deus». Este dom do Pai a todos é o fruto da gratuidade trinitária; é porque Cristo e o Pai «não se detêm» – e isto acontece até ao abandono da Cruz – doando-se a nós, que podemos possuí-Lo em plenitude, indo muito além de qualquer vantagem ou recompensa desejadas e colhidas por nós mesmos, como Adão e Eva colheram do fruto proibido.

### **Liberdade e obediência**

«Maria Madela correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que ele lhe tinha falado.» (Jo 20,18).

Se Maria Madalena aceita imediatamente esta liberdade ao contrário da própria tendência possessiva de segurar e reter o objeto de seu amor, se parte imediatamente, sem comentários, para cumprir sua missão de anunciar a ressurreição e a presença de Jesus à direita do Pai – porque Nele, Ele seja nosso Pai e nosso Deus – é justamente porque viu o Senhor e ouviu: «Vi o Senhor, e eis o que me disse».

A nossa liberdade não pode ser realmente ativa e tornar-se missão, se não na medida em que a Face e a Palavra do Ressuscitado se tornam o tesouro do nosso coração, que não devemos reter porque devemos ter certeza que nos foi dado do Pai. Este é o segredo da obediência livre e fecunda. O anúncio de Maria Madalena, sua missão diante dos discípulos, é um ato de obediência ao Cristo vivente. Ela O contemplou, escutou e pôde anunciá-Lo no desapego e na obediência. A nossa obediência é uma exaltação fecunda de nossa liberdade, se nosso coração a vive reconduzindo-a sempre a verdadeira sorgente: a preferência por Cristo vivente e presente, que contemplamos e escutamos com amor.

Isto vem expresso por S. Bento no início do capítulo sobre a obediência: «O primeiro grau da humildade é a obediência sem demora. É peculiar àqueles que estimam nada haver mais caro que Cristo» (RB 5,1-2). Exprime em duas frases o segredo e natureza da liberdade nova do cristão, uma liberdade que flui do amor preferencial por Cristo. Somos livres se nosso tesouro, nossa pérola, é Cristo. Somos livres somente se pedimos e acolhemos o Espírito que nos faz amar Cristo sobre todas as coisas.

A presença do Senhor, que nos fala, é a nossa libertação, libertação integral da nossa pessoa, aquela que nos faz filhos de Deus. Muitas vezes pedimos a Cristo uma libertação parcial, somente daquilo que nos incomoda, não gostamos ou nos faz sofrer, portanto, uma libertação que outras pessoas ou com outros meios pederíamos obter. Queremos um exercício da liberdade que, no fundo, somente fecha a nossa vida em nós mesmo, ao invés de deixar-se alcançar e acompanhar por Cristo até o Pai, Seu Pai e nosso Pai. Cristo quer libertar-nos totalmente, tonar-nos totalmente livres, no profundo do nosso ser, mais do que em nossa condição contingente. A liberdade que nos doa o Cristo pascal é uma liberdade do coração, que nos permite viver livremente, mesmo em meio às restrições, como Paulo e Silas que, machucados e presos, cantavam louvores a Deus (At 16,22-25).

A liberdade que o Espírito nos doa é a liberdade de amar Cristo até ao Pai, e de não ter outra recompensa se não o Amor com o qual o Pai nos ama, em seu Filho por meio do Espírito.

Mais conheço nossa Ordem, nossas comunidades, e todos os monges e monjas que as compõe, mais lhes amo e desejo amar-lhes, e não peço outra coisa ao Espírito, para que dê a todos nós, o dom da preferência de Jesus. Queremos permanecer unidos nesta oração?



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori  
Abade Geral Ocist

Roma, Pentecostes 2012.